



Gestão de recursos Sob o comando de Kappaz desde março, grupo busca parcela mais aderente a posições que ocupa em varejo bancário e atacado

Santander Asset mira dobrar fatia de mercado em 5 anos

Adriana Cotias
De São Paulo

Duplicar a participação de mercado em cinco anos no setor de gestão de recursos é uma das metas do novo CEO da Santander Asset Management, Rafael Kappaz, que assumiu cerca de seis meses atrás. Com um patrimônio líquido de R\$ 315,2 bilhões ao fim de junho, uma fatia pouco acima de 4% do setor, a gestora do grupo espanhol no Brasil ocupa a quinta posição no ranking da Anbima e é a estrangeira mais bem-colocada. Mas não é de hoje que o grupo busca uma parcela mais aderente à que tem no segmento bancário — de 12% a 15% no varejo e de 15% a 18% no atacado, dependendo do critério avaliado.

É a partir da renovação de produtos na oferta e da proximidade com o cliente via assessores dedicados na rede de agências e escritórios próprios (“AAA”) que Kappaz pretende ganhar a preferência da pessoa física, que passou a ser bombardeada pelas plataformas independentes nos últimos anos.

No público institucional, o desafio é cativar os gestores de fundos de pensão para uma diversificação além da renda fixa tradicional, com soluções globais e uma maior sinergia com a divisão de banco de investimentos para portfólios de crédito privado. Entre recursos de entidades de previdên-

cia complementar de empresas públicas e privadas, a Santander Asset reúne quase R\$ 86,3 bilhões, a segunda maior posição de mercado, de acordo com os dados da Anbima, atrás apenas da BB Asset.

“Há um trabalho grande para incrementar a conexão com o banco para novos produtos da asset”, afirmou Kappaz, numa breve interrupção na agenda do Anbima Summit, na semana passada.

Da célula de soluções de investimentos quantitativos, tocada pelo ex-Itaú Guido Chagas, a asset criou um multimercado global, o Valência, que mescla a inteligência de dados com gestão discricionária. O mandato permite investir em ações, commodities, juros, inflação e moedas de alta liquidez.

Do time de estratégia macro, liderado por Gustavo Baltar, ex-Western Asset e Credit Suisse, a gestora incubou no último ano um multimercado de previdência, o Córdoba, que também se alimenta dos modelos quants.

Nesse modelo, o balanceamento de risco se vale de diferentes abordagens sistemáticas. É algo que já é fruto da conexão “GloLocal” da franquia brasileira com a gestora lá fora, conforme definiu Samantha Ricciardi, a CEO global da asset, que assumiu em fevereiro do ano passado.

“A lógica é se diferenciar. Se olhar para o mercado, quase todos os multimercados seguem as mes-

mas tendências, e quando o cenário macro não ajuda, o segmento vai mal. Por isso, o modelo macro-quant”, afirmou Kappaz. “São soluções que começamos a apresentar para o varejo, a alta renda, porque a gente perdeu o bonde.”

Em meados de 2022, já sob o comando do CEO do banco, Mario Roberto Leão, o Santander colocou na rua um plano para ter especialistas de investimentos e operadores comerciais na rede e em escritórios dedicados. Foi uma forma a de atender o público afluente à moda dos antigos agentes autônomos independentes (rebatizados como assessores de investimentos na nova regulação), embora sob o modelo CLT. Atualmente, conta com 1,3 mil profissionais e a meta é fechar 2023 com 2 mil. “Até então, o banco não focava tanto o varejo”, lembrou Kappaz, há 20 anos no grupo.

“A lógica é se diferenciar; quase todo multimercado segue as mesmas tendências. Se o macro não ajuda, o segmento vai mal”



Kappaz, da Santander Asset: renovação da oferta e interação global, com distribuição e banco de investimentos

No pós-pandemia, período em que a Selic subiu dos 2% no início de 2021 ao topo de 13,75% que prevaleceu até o Comitê de Política Monetária (Copom) cortar a taxa para 13,25% neste mês, a Santander Asset se beneficiou do fluxo para estratégias mais conservadoras. “A captação líquida foi negativa, mas menos do que a indústria, mais pela razão da concentração grande de renda fixa e de clientes institucionais”, disse Kappaz. “O desafio é mudar, não deixando de atender bem esse investidor.”

No ano, a Santander Asset registrou, até junho, resgates líquidos de R\$ 10,8 bilhões, com saídas de R\$ 20,8 bilhões em 12 meses, de acordo com a Anbima. Os pares do

“Top 5” do setor bancário apresentaram, em geral, cicatrizes mais fundas nessa janela mais longa, com fluxo negativo de R\$ 198,5 bilhões na BB Asset, R\$ 88,6 bilhões na Itaú Asset e R\$ 53,5 bilhões da Caixa. Na Bradesco Asset, os saques foram de R\$ 16,6 bilhões.

Fojar a alocação mais diversa num público que dispõe de alternativas com juros reais entre 5% e 6% ao ano, a exemplo das Notas do Tesouro Nacional Série B (NTN-B), não é tarefa corriqueira, reconheceu Kappaz. Mas ele imagina que com o início do processo de redução da Selic essa conversa deve se tornar mais fluida. “A gente viu essa tendência no movimento de queda de taxa de juros, depois veio a alta e

a inflação, mas não matou o processo, apenas postergou.”

A sua ascensão ao comando da Asset, no posto que era de Carlos André — promovido à vice-presidência de gestão de riqueza como um todo, em novembro do ano passado — é também um sinal desses novos tempos. Kappaz traz na bagagem um histórico de dez anos na tesouraria do banco, na equipe de onde saiu o atual presidente do Banco Central (BC), Roberto Campos Neto. O último posto foi de diretor da Santander Corporate & Investment Banking (SCIB), responsável por transações globais, divisão que oferece empréstimos e serviços de comércio exterior. As conexões estão sendo ligadas.

DIVULGAÇÃO